

A aquisição do género e da concordância de género, em português língua terceira ou língua adicional

Jorge Pinto
Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Introdução

O ensino/aprendizagem do Português língua estrangeira (PLE) deve, cada vez mais, ser analisado à luz do contacto desta língua com outras que já constituem o repertório linguístico dos alunos. Aprender PLE, neste sentido, é estabelecer pontes com os conhecimentos previamente adquiridos noutras línguas e construir outros nesta nova língua-alvo. Quando se ensina português como terceira língua ou língua adicional (L3/Ln), não se pode esquecer, nem ignorar, que os alunos já possuem um conhecimento linguístico prévio em duas ou mais línguas, entre materna e não-maternas, que influenciará a compreensão, a produção e o desenvolvimento daquela.

Tendo, pois, em conta que uma grande parte dos alunos, atualmente, possui uma competência plurilingue e se encontra inserida numa sociedade multilingue, a área de investigação sobre a influência linguística na aquisição de línguas alargou-se não só à relação entre a língua materna (LM) e a língua segunda (L2), como também entre a L2 e a(s) L3/Ln (*e.g.* Safont Jordà, 2005; De Angelis, 2007; Ringbom, 2007; Jessner, 2008).

Neste âmbito, pretendemos apresentar os resultados de um estudo que procurou investigar como se processa a aquisição do género dos nomes e da concordância de género no SN (concordância com o núcleo de itens pré-nominais e de adjectivos), em português L3/Ln, por alunos marroquinos que já dominam, em geral, duas línguas românicas e que aprendem português na Licenciatura em Estudos Portugueses na Universidade Mohammed V – Agdal, Rabat.

Em PLE, e neste caso concreto, observa-se que a aquisição da categoria do género apresenta dificuldades: o aluno frequentemente adquire um nome mas não o seu género, pondo-se hipóteses como: haver interferência da LM ou de outra LE, haver desconhecimento do género de dado nome, sem interferência ou haver uma aquisição

defectiva das regras possíveis para atribuição do género a dada estrutura nominal quando há sufixos envolvidos.

1. O género: conceito e aquisição

Cada língua possui uma categoria de género única e determinada. Segundo Corbett (1991), há línguas em que a categoria gramatical de género é preponderante, enquanto noutras ela é reduzida ou mesmo inexistente. Devido a esta variação, a aquisição do género e da concordância de género é complexa e, conseqüentemente, os erros produzidos pelos alunos de uma L2 ou L3 são, geralmente, abundantes, ao contrário do que ocorre na produção da LM, onde estes são considerados raros (Schriefers & Jescheniak, 1999) ou inexistentes, se considerarmos que são geralmente motivados por problemas de processamento discursivo.

Existem vários estudos sobre a aquisição de género, essencialmente na L2 (Rogers, 1987; Finneman, 1992; Shelton, 1996; Hawkins, 1998; Comrie, 1999; Dewaele & Véronique, 2000, 2001; White *et al.*, 2003, 2004; Sabourin, Stowe & Haan, 2006; Grüter, Lew-Williams & Fernald, 2011), que demonstraram que os erros na atribuição do género são frequentes, que a capacidade de o usar corretamente depende da real exposição à língua estrangeira e não apenas do tempo passado em contexto de aula e que a concordância de género parece ser mais difícil quando os itens gramaticais se encontram mais afastados na frase dos nomes com os quais concordam. Esta dificuldade aumenta quando na língua-alvo o sistema de atribuição de género difere significativamente do da LM. Nestes casos os alunos tendem a recorrer a estratégias de simplificação, como a generalização à forma não-marcada (o masculino), tal como o demonstraram Dewaele e Véronique (2001). Posteriormente, White *et al.* (2003, 2004) verificaram que alunos de L2 eram significativamente mais exatos no uso de artigos e adjetivos no masculino do que nas suas formas do feminino. Neste caso, também, se constata que a facilidade do uso da forma não-marcada os conduz à generalização, aplicando-a a casos em que a forma do feminino deveria ser selecionada. Alguns estudos mostram ainda que os alunos avançados fazem menos erros de atribuição de género do que os do nível básico (Bartning, 2000), ainda que as dificuldades na concordância de género persistam no nível avançado (Dewaele & Véronique, 2001). Estes autores (*op. cit.*) demonstram também que

o domínio do acordo dos determinantes com o nome é maior do que o dos adjetivos com o nome, ou seja, no conjunto Artigo (ART) + Nome (N) + Adjetivo (ADJ), é mais fácil, para os alunos, fazer o acordo ART+N do que N+ADJ.

Outros estudos, já no âmbito da aquisição do género numa L3/Ln (*e.g.* Jedynak & Pytlarz, 2012), defendem que grande parte dos problemas de género se deve não só às interferências da LM como também da L2. No caso desta última, a interferência diminui à medida que aumenta o período de aprendizagem e a competência global que o aluno tem da L2. Nos casos em que a competência na L2 ainda é reduzida, a LM tem, pois, um papel preponderante.

Os estudos existentes sobre o género sustentam que há dois tipos de género: o género gramatical (formal) e o género natural (semântico). No primeiro caso, atribui-se o género de acordo com a informação morfo-fonológica fornecida pelo nome e, no segundo, a marcação do género está diretamente relacionada com o conteúdo referencial do nome. Corbett (*op. cit.*) defende que alguns sistemas são puramente semânticos, mas que nenhum é puramente formal. Corbett (*op. cit.*: 2) constata ainda que mesmo línguas da mesma família apresentam variação no sistema do género: “[m]any Indo-European languages show gender (some with three genders, others having reduced the number to two); a few have lost gender, while others, notably the Slavonic group, are introducing new subgenders.”.

A classificação do género convoca, pois, diferentes níveis – linguísticos e extralinguísticos – que a tornam complexa. A propósito desta complexidade, Vilela (1973: 141) referiu que:

[...] não só não é fácil congruar o género natural e um género gramatical, como também não é possível tomar como ponto de partida da classificação um critério puramente mórfico, pois em português, o planeta, o sistema, etc. [...] mostram que os morfemas não bastam para indicar o género e que nem sempre o género natural tem uma correspondente expressão morfémica.

Vilela aponta ainda para o facto de existir um número muito diversificado de classes na noção de género nas diferentes línguas: por exemplo, as românicas, o hebreu e o árabe têm dois géneros (masculino e feminino), o alemão e o russo têm três (masculino, feminino e neutro), as línguas bantas têm doze. Concluindo, então, que (*ibidem*) “[...] o

género, entendido em sentido amplo, como modo de classificação dos nomes, é uma noção universal e, quanto à origem e aos critérios dessa classificação, existe um sem número de hipóteses que não permitem uma interpretação unificada.”

Há, pois, que ter em consideração a distinção entre masculino e feminino que se relaciona com a distinção do género natural (o sexo biológico, *e.g.* *homem* (m.), *mulher* (f.) ou *ministro* (m.), *ministra* (f.)), mas que se afasta do conceito de género puramente gramatical, independente do sexo do referente do nome. Como defende Vilela (op. cit.: 142), “[a] correspondência entre a classificação das palavras pelo género gramatical e a classificação pelas propriedades naturais é muito diminuta, como o demonstra a diferença verificável de língua para língua, na maior parte do vocabulário.”. Por exemplo, em português, nomes sobrecomuns como *vítima*, *criança*, *pessoa*, todos do feminino, usam-se indistintamente a seres de sexo masculino ou feminino; o mesmo acontece com nomes masculinos como *carrasco*, *indivíduo*, *apóstolo*. Também nos nomes epicenos se observa um fenómeno semelhante: *mosca* (f.), *tigre* (m.), *baleia* (f.), etc.. Nestes casos, quando é necessário clarificar o sexo do animal, associa-se as palavras *macho* e *fêmea*, sendo que estas não alteram o género da palavra.

Nas línguas românicas, o género é “an idiosyncratic feature” dos nomes que “has to be acquired individually for every lexical entry stored in the mental lexicon” (Dewaele & Véronique, 2001: 276); o género é “a derivative property” no caso de “specifiers such as determiners and adjectives” (Carroll, 1989: 545). Um aluno de uma língua estrangeira românica deve ser sensibilizado para estes factos, sobretudo no nível universitário de que nos ocupamos, mas também para o facto de que as línguas românicas “[...] even differ from one another as to the class that particular lexical items fall into, e.g., Italian *il tavolo* (m.), French *la table* (...); Italian *il mare* (m.), French *la mer* (f.) (...).” (Payne, 2003: 108). O mesmo paralelo se pode estabelecer entre o português e o francês ou o português e o espanhol. Relativamente ao primeiro par, podemos aproveitar o mesmo exemplo avançado por Payne, francês *la mer* (f.) e português *o mar* (m.); quanto ao segundo par, exemplificamos com *la leche* (f.) em espanhol e *o leite* (m.) em português.

Não é, portanto, de surpreender que a aquisição de género e da concordância de género se revelem um verdadeiro desafio para os alunos de uma língua estrangeira.

2. Categoria do género nas línguas românicas envolvidas

Neste ponto, será feita uma descrição da categoria de género nas três línguas românicas em contacto: português, francês e espanhol, línguas de aprendizagem dos alunos marroquinos e consideradas neste estudo. No entanto, dada a proximidade das suas características e tendo em conta o que já foi explanado sobre o género no ponto anterior, essa descrição será sucinta e precedida de um conjunto de similitudes nas três línguas.

Consoante a classe lexical da palavra em análise, nas línguas em causa, o género é inerente aos nomes, divididos em duas classes de género diferentes (masculinos ou femininos), e derivado, isto é, não lexicalmente inerente, no que diz respeito aos determinantes e aos adjetivos que concordam com o nome.

Nestas línguas (e deixando de parte a distinção de género através de palavras com um radical diferente, como *genro/nora*, *verno/nuera*, *gendre/bru*), o género tem, em geral, um marcador presente na estrutura da palavra. Contudo, quando se trata de palavras sem essa diferenciação morfológica, só o recurso ao artigo revela, num SN, o género do nome (*um artista/uma artista*, *un artista/una artista*, *un artiste/une artiste*); também nesse domínio sintático, há o recurso à junção do nome “mulher, mujer, femme” (por exemplo, *um piloto mulher*, *la mujer periodista*), ou à composição com “macho/fêmea, macho/hembra, mâle/femelle” (*o mosquito macho/fêmea*, *el mosquito macho/ hembra*, *le moustique mâle/femelle*, entre outros).

Outro aspecto comum é o facto de certos sufixos derivacionais estarem associados a um dado género, pelo que a sua presença implica que o derivado adquira esse género. Por exemplo, todos os nomes deverbais com o sufixo *-mento* são masculinos, em português (*aditamento*, *conhecimento*) e todos os que apresentam *-ção* são femininos (*indicação*, *animação*); o sufixo *-age*, em francês, impõe o género masculino, como em *tirage*, *balayage*; os nomes terminados com o sufixo *-(i)dad*, em espanhol, são femininos (*felicidad*, *universidad*) e assim por diante.

Do ponto de vista semântico (cf. género natural), tendo em conta as características das entidades referentes, igualmente em todas estas línguas os nomes são classificados de acordo com diferentes tipos de oposição, como, por exemplo, ‘pessoas, animais/objetos’, ‘seres animados humanos/não humanos’.

2.1. Português e espanhol

Optámos por juntar estas duas línguas, dada a proximidade existente entre elas na atribuição do género aos nomes; no entanto, não é forçoso que as mesmas regras comuns se apliquem às mesmas unidades do léxico nas duas línguas.

Em português e em espanhol, de acordo com Villalva (2003) e Ambadiang (1999), respetivamente, a classificação do género faz-se segundo critérios lexicais morfológicamente marcados pela existência do índice temático *-o/-a* (*menino/menina*; *hermano/hermana*), pelo contraste de diferentes palavras (*carneiro/ovelha*; *hombre/mujer*), bem como através de critérios morfológicos pela marcação do género com recurso à derivação (*imperador/ imperatriz*; *uropeo/ europea*) e à composição (*elefante macho/ elefante fêmea*; *jirafa macho/jirafa hembra*).

No caso dos nomes com traço [+anim], o masculino morfológico encontra-se associado a uma entidade de sexo masculino e o feminino a uma entidade do sexo feminino (*pato/pata*; *perro/perra*), à exceção dos nomes epicenos e sobrecomuns que possuem um único valor de género independentemente do sexo da identidade a que se referem (*cobra/individuo*; *conejo/persona*). Relativamente aos nomes com traço [-anim], segundo Villalva (op. cit.) e Hualde, Olarrea e Escobar (2002), o valor de género não tem um conteúdo referencial definido, estes são classificados arbitrariamente como masculinos ou femininos: os terminados em *-o* ou *-a* (*a moto/o copo*, *a mesa/o poema*; *la mano/el vaso*, *la cama/el día*); em *-e* átono (*o leite/a sirene*; *el coche/la fuente*); em consoante (*o colar/a colher*; *el árbol/la moral*); e, ainda, no caso do português, em vogal ou ditongo nasal (*o afã/a romã*, *o coração/a missão*). Já com os substantivos derivados, como ficou demonstrado acima, há uma maior possibilidade de se fazer generalizações, nas duas línguas.

2.2. Francês

Segundo Huot (2005), do ponto de vista gramatical, a língua diferencia efetivamente entre masculino e feminino, e não existe nenhum nome em francês que não seja provido de género, fixo e não alterável, mas que é arbitrário no sentido que não tem, na maior parte das vezes, nenhuma relação com as distinções semânticas supra-citadas.

Nesta língua, cada género é marcado por um morfema específico, sendo que o do masculino é \emptyset e o do feminino é *-e*, por exemplo *ami/amie* (amigo/ amiga), na sua forma escrita. Existem, no entanto, casos em que há uma marcação de género fonológico associado, como em *chat/ chatte* (gato/ gata) ou *sot/sotte* (tolo/tola), em que, oralmente, a distinção de género é marcada pela oposição /vogal/ final (ch[a], s[o]) e consoante (cha[t], so[t]), com eventual alteração de timbre da vogal.

No que respeita aos nomes derivados, já acima se focou que em todas as línguas românicas consideradas há sufixos que atribuem um género fixo à palavra. Em francês, diferentemente das outras duas línguas, o recurso a sufixos invariáveis é uma operação morfológica que pode ter, também, como resultado diferenciar géneros, como em *âne/ânesse*, *menteur/menteuse*, por exemplo.

Nas palavras simples, o facto de o francês não dispor das oposições *-o ~ -a*, como em português e em espanhol (*amigo/amiga*), leva a que quem adquire o léxico desta língua e o género de cada unidade adquire também uma série de regularidades (com exceções). Por exemplo, (i) são masculinos os nomes terminados em *-age* (*fromage*), *-ail* (*travail*), *-al* (*végétal*), etc; (ii) são femininos os nomes terminados em *-ade* (*promenade*), *-aille* (*bataille*), *-ence* (*patience*), etc.

Em termos de comparação entre línguas, o francês apresenta, assim, propriedades não partilhadas pelo português e o espanhol, de que aqui demos apenas alguns exemplos.

3. Categoria do género em árabe standard

Segundo Blachère e Gaudefroy-Demombynes (2004) e Naciri (2012), o árabe standard distingue dois géneros: o masculino e o feminino. O primeiro concebe-se como categoria não pertencente ao género feminino, marcado pela ausência de morfema. O segundo varia na forma como atribui as suas marcas ao nome: através da intervenção do contexto extralinguístico ou por operações morfológicas de adição de sufixos à base. Morfológicamente, em árabe, o género feminino classifica-se em variável e invariável. O invariável pode não ser explícito (morfema \emptyset) ou ser marcado com o morfema do género feminino:

- nome feminino sem morfema de género (femininos inerentes): *bint* (filha)/
‘umm (mãe)/ *dār* (casa);

- nome feminino com morfema de género – sufixo *-at* ou infixos ‘*alif* (*ā*): sufixo – *élqitu* (gato)/ *élqitatu* (gata); infixos – *saḥrā’u* (deserto).

O feminino variável é um feminino comutável com o masculino, ou seja, este último obtém-se pela supressão do sufixo feminino *-at*: *mu^callimat* (professora)/ *mu^callim* (professor).

Em termos de concordância nominal, os adjetivos em árabe concordam em género com o nome.

Relativamente às línguas românicas, podemos notar algumas diferenças e semelhanças:

- no árabe standard o género apenas é marcado por sufixos e infixos e nas línguas românicas não;
- nas línguas românicas a morfologia desempenha um papel relevante na atribuição do género masculino ou feminino aos nomes, enquanto no árabe apenas se aplica aos nomes femininos;
- os sistemas de concordância (N + ADJ) assemelham-se, uma vez que o adjetivo concorda em género e número com o feminino, forma marcada.

4. O estudo

4.1. Caracterização dos sujeitos

Neste estudo, participaram 31 alunos (70% dos alunos inscritos) da Licenciatura em Estudos Portugueses da Faculdade de Letras e de Ciências Humanas da Universidade Mohammed V – Agdal, em Rabat. Através de um primeiro questionário, foi possível fazer uma caracterização sociolinguística dos informantes, sobretudo no que toca ao seu perfil linguístico. Este grupo de alunos apresenta a particularidade de 42% já possuírem outra licenciatura: 35,5% em Estudos Hispânicos, 3,25% em Estudos Alemães, 3,25% em Estudos Árabes. Os restantes 58% não têm nenhum grau superior. Comum a todos eles o facto de já revelarem competências linguísticas em francês, primeira língua estrangeira ou língua estrangeira privilegiada no país, fruto da aprendizagem formal desde o Ensino Fundamental até ao *Terminal* (equivalente ao 12.º ano), e da aprendizagem informal, visto tratar-se de uma língua omnipresente no quotidiano marroquino, sobretudo nos

centros urbanos. No entanto, ao contrário do que seria de esperar e segundo a auto-avaliação dos informantes, não representa para todos a LE com maior proficiência: apenas 51,5% a indicaram como tal. Dos restantes, 35,5% considerou ser o espanhol, 6,5% o inglês e 3,25% o alemão; 3,25% não respondeu.

Tabela 1 Proficiência Linguística

	N.º alunos	LE com maior proficiência linguística				
		Francês	Espanhol	Inglês	Alemão	NR
1.º ano	13	6	6	0	0	1
2.º ano	9	4	3	2	0	0
3.º ano	9	6	2	0	1	0

A maioria dos alunos de português LE, em Marrocos, quando inicia a aprendizagem desta língua, está numa fase avançada da formação, sendo a quarta ou quinta língua que adquirem, facto que deve ser tido em conta na análise dos resultados. Trata-se, portanto, de alunos, na sua maioria, plurilingues.

Tabela 2 Número de LE faladas além do português

	N.º alunos	Número LE faladas			
		1	2	3	NR
1.º ano	13	0	9	4	0
2.º ano	9	2	5	2	0
3.º ano	9	0	4	5	0

4.2. Metodologia

Para a investigação, ainda em curso e de que aqui se apresentam alguns dos resultados, foi constituído um *corpus* com produções escritas (de 70% dos alunos inscritos na Licenciatura supracitada) num total de 18 415 palavras (1.º ano – 5 967; 2.º ano – 5 442; 3.º ano – 7 006). Após uma análise prévia dos nomes e dos SNs produzidos (estes, com dois e três constituintes), foi criado um conjunto de variáveis linguísticas, a fim de se determinar a importância relativa de cada uma na atribuição adequada/não adequada do género e de, em fase posterior, retirar conclusões quanto à abordagem mais adequada do género, em aula de PLE 3/n destinada a alunos com o perfil acima descrito.

O estudo quantitativo, feito com recurso ao programa *GoldVarbX*, inclui também variáveis extralinguísticas, sendo, por exemplo, possível evidenciar a relevância da

variável “ano de licenciatura”, e testar como evolui a aquisição do género do nome e da concordância morfossintática em género, ao longo dos três anos.

4.3. Resultados e discussão

Os resultados da nossa primeira variável (classe temática dos nomes), relacionada com a aquisição do género ao nível do N, permitem-nos observar que a maioria dos desvios ocorre com os nomes de índice temático (IT -o, -a, -e) e em número reduzido com os nomes sem índice temático (s/ IT). Isolámos, na fase de codificação, os nomes terminados em *-ão*, visto ter-se verificado que a tendência dos alunos é atribuir o género masculino a estes nomes (cf. percentagens do 1º e 2º anos, na Tabela 3), independentemente de serem nomes simples ou derivados, como adiante discutiremos.

Tabela 3 Género não canónico nos Nomes

Índice temático/ terminação	Ocorrências					
	1.º ano		2.º ano		3.º ano	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
IT	52/732	7.1	36/732	4.9	24/891	2.7
s/ IT	5/131	3.8	4/71	5.6	0/161	0.0
-ão	9/56	16.0	9/97	9.3	2/153	1.3

Face a estes resultados, colocamos a hipótese de que os alunos focalizam a atenção nas vogais finais dos nomes, atribuindo-lhes uma informação de género (embora nem sempre exista uma relação constante entre *-a* e feminino ou *-o* e masculino), sendo que as palavras que não apresentam IT constituem um fator de maior atenção, justamente porque, segundo cremos, os alunos constroem uma regra segundo a qual a vogal final de um nome constitui o seu marcador de género; a ausência dessa vogal, deixando-os inseguros, concentra a sua atenção no género do nome em causa. Neste caso, eles tentam adquirir o género da palavra independentemente da sua forma. Relativamente aos nomes terminados em *-ão*, os dados levam-nos a concluir que os alunos são sensíveis ao *-o* final, interpretando-o como IT e atribuindo-lhe, por isso, a marcação do género masculino. Para apoiar esta hipótese, é importante sublinhar que o *corpus* em análise é escrito e que, por outro lado, a aprendizagem é fundamentalmente baseada na leitura e na produção escrita. Com efeito, o contacto destes alunos com o português falado reduz-se a algumas horas de aula na faculdade, sem haver a possibilidade de receberem *inputs* orais desta língua fora

desse quadro. Ou seja, a forma escrita dos nomes é aquela com mais impacto na sua aquisição.

Na Tabela seguinte, ilustram-se os valores obtidos quanto à atribuição não canónica do género aos nomes, visível nos elementos pré-nucleares:

Tabela 4 Ausência de marcas de concordância no SN, em função do elemento final dos nomes

Índice temático/ terminação	Ocorrências					
	1.º ano		2.º ano		3.º ano	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
-o EX.: [esta dialecto]	13/315	4.1	3/242	1.2	3/292	1.0
-a EX.: [a planeta]	27/305	8.9	25/355	7.0	11/401	2.7
-e EX.: [um catástrofe]	12/112	10.7	8/135	5.9	11/199	5.5
-r EX.: [na ultramar]	1/21	4.8	1/36	2.7	0/73	0.0
-l EX.: [na sul]	2/41	4.9	3/9	33.3	0/44	0.0
-s EX.: [a país]	2/69	2.9	0/26	0.0	0/44	0.0
-ão EX.: [um região]	9/56	16	9/97	9.3	3/154	1.9

Atentando na Tabela 4 e analisando as diferentes marcas de classe temática e a terminação *-ão*, parece-nos um facto que os alunos atribuem maioritariamente ao IT a veiculação do género do nome (52 casos). Observando caso a caso, verifica-se que, no entanto, nem todos os IT recebem igual análise por parte dos alunos. Com efeito, os 8.9% de casos de *-a* associado a feminino mostram ser esta uma associação bastante relevante, mas suplantada por *-e* associado a género masculino (10.7%); este valor percentual alto indica haver bastante hesitação quanto ao valor de género a associar aos nomes que apresentam esse IT, com tendência para o associar a masculino (cf. *o realidade, este localidade*). Quanto a *-o*, os reduzidos casos (4.1%) de atribuição do género feminino aos nomes com esta vogal mostra que a mesma é maioritariamente associada ao valor de masculino. Se se acrescentarem os 16% relativos aos nomes em *-ão* que, como referido, os alunos analisam como masculinos, não parece restarem dúvidas de que *-o* é claramente

interpretado como marca do valor de masculino. Face a estes resultados, e tendo em conta que, tomando os totais de ocorrências por vogal final, as percentagens de desvio são bastante pequenas, pomos a hipótese de que os desvios corresponderão ou a nomes adquiridos isoladamente – isto é, não integrados num contexto em que as palavras em relação de concordância com ele evidenciassem o seu género; provavelmente o resultado de uma pesquisa em dicionário – ou ao resultado da transposição do género da palavra equivalente noutra(s) das línguas de que os alunos dispõem.

O facto de, como já foi referido, alguns alunos generalizarem a todos os nomes com IT *-a* o género feminino, resulta em casos desviantes como:

- (1) *a mapa
- (2) *a problema
- (3) *a clima
- (4) *sua própria idioma
- (5) *numa dia

Assim, para esses alunos, e ignorando agora a potencial interferência de outra língua, o género não é adquirido em simultâneo com a aquisição do nome, como uma informação inerente ao mesmo e independente da sua forma; a análise que é feita é baseada na vogal final da mesma. Há, assim, uma regra que os alunos constroem e tendem a generalizar, provavelmente a partir de alguns casos do português para os quais os professores chamam particularmente a sua atenção: referimo-nos a nomes com o traço animado, como *sogr-o/-a*, em que o IT veicula efectivamente um valor de género.

Considerando agora que há também a hipótese de uma transferência de género do nome a partir das línguas previamente adquiridas, vejamos alguns dos desvios dos nomes com IT, patenteados pela ausência de concordância:

- (6) *uma período (fem. em francês)
- (7) *o taxa (masc. em francês)
- (8) *um criança (masc. em francês)
- (9) *o arte (masc. em francês)
- (10) *suas costumes (fem. em francês e espanhol)
- (11) *dos árvores (masc. em francês e em espanhol)
- (12) *o solução (masc. em árabe standard)
- (13) * os pessoas (masc. em árabe standard)
- (14) * este razão (masc. em árabe standard)

Na Tabela seguinte, sintetizam-se os resultados da comparação dos valores de género dos nomes portugueses que apresentam desvio com os valores nas línguas de que os alunos dispõem. Conclui-se que em 15.7% dos casos há coincidência entre a escolha feita para o português e uma ou mais dessas línguas.

Tabela 5 Influência das línguas adquiridas na concordância de género

Ocorrências							
Espanhol		Francês		Espanhol/Francês		Árabe	
Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
2/139	1.4	7/139	5.0	6/139	4.3	7/139	5.0

Poder-se-á, então, concluir que pode haver duas forças que se conjugam para explicar os desvios quanto à atribuição de um género gramatical (regras construídas em português, deficitárias, e interferência de outra língua). Qualquer que seja a causa, retira-se dos resultados que, do ponto de vista didático, será fundamental para estes alunos que haja orientação no sentido de explicitar a não correspondência forma - género do nome, na grande maioria dos casos, de orientar o estudo do léxico acompanhando sempre de exemplificação frásica a aquisição de um novo item, de modo a que se chame a atenção para que o valor de género está marcado de forma geralmente clara nos restantes elementos do SN. Para que construam a gramática do género de forma adequada, os alunos precisarão, mesmo porque são universitários, de uma explicação avançada quanto ao género inerente ou variável nos nomes do português.

Um outro parâmetro tido em consideração na preparação da análise do *corpus* foi o traço de animacidade dos nomes e o seu peso na atribuição de um género gramatical aos mesmos. Punha-se a hipótese de que houvesse influência da informação de género biológico na seleção do género gramatical. Verificou-se que o número absoluto de nomes com o traço [+anim] é insignificante e, portanto, não nos foi possível testar a relevância da oposição [+anim] vs [-anim], para melhor compreender a forma como os alunos estabelecem a relação entre género gramatical e género natural.

Como ficou claro no que foi até agora dito, só nos é obviamente possível testar, no *corpus*, a correcta atribuição do género gramatical a um nome a partir dos elementos que

o precedem e/ou o seguem, no SN. Pôs-se a hipótese de que a atribuição desviante do género a dados nomes decorresse não (ou não apenas) da relação restrita entre nome e seu género gramatical, mas que uma estrutura mais complexa do SN conduzisse a desvios quanto ao género. Sabe-se que, em algumas variedades do português não europeu, adquirido por transmissão irregular, existe uma relação entre a estrutura do SN, o tipo dos seus constituintes e a posição do núcleo (cf. por exemplo Brandão, 2011). Previmos, então, outra variável, a do tipo de SN em que se encontra o constituinte nuclear, visando ver em que medida o tipo de estrutura favorece ou não a correcta atribuição do género ao nome (constituindo a aplicação da regra de concordância em género o pano de fundo).

Tabela 6 Marcas de concordância de género em função da estrutura do SN

Estrutura do SN		Concordância	Não concordância
Det + N	Nº	972/1017	45/1017
	%	95.6	4.4
Det + N + Adj	Nº	458/484	26/484
	%	94.6	5.4
Det + Adj + N	Nº	156/164	8/164
	%	95.1	4.9
Sprep [Prep[Det+N]]	Nº	838/880	42/880
	%	95.2	4.8
Sprep[Prep[Det+N+Adj]]	Nº	366/377	11/377
	%	97.1	2.9
Sprep[Prep[Det+Adj+N]]	Nº	93/100	7/100
	%	93.0	7.0

Através da análise dos dados globais desta variável, cujos resultados se apresentam na Tabela 5, foi-nos possível compreender os mecanismos atuantes na aplicação da concordância de género no SN como um todo. Seria de esperar que a complexidade do SN pudesse ser a causa da incorrecta atribuição do género ao núcleo nominal, visto que, no português adquirido por transmissão irregular, se verifica que a introdução de um ou mais elementos dentro do SN pode concorrer para a ausência da realização plena da concordância, e que, diferentemente, a estrutura simples facilitasse a aquisição e a aplicação desta categoria (Lucchesi, 2000). No entanto, os dados observados contrariam esta hipótese, visto que a discrepância de percentagens de género não canónico entre os SN simples e os complexos é mínima, o que nos leva a concluir que, neste caso, a

estrutura do SN não é determinante para a atribuição do género ao nome (nem para a aplicação das regras de concordância de género). Este facto conduz a estabelecer uma diferença interessante (que não desenvolveremos aqui) entre aquisição do português como L2 ou mesmo como LM, com transmissão irregular mas em contexto social em que se fala português, e a aquisição em contexto institucional, apenas.

De forma a explicitarmos melhor os casos sintetizados na tabela anterior, apresentamos as três tabelas seguintes, referentes ao 1.º ano, 2.º ano e 3.º ano da licenciatura, respetivamente.

Tabela 7 Marcas de concordância de género em função da estrutura do SN – 1.º ano

Estrutura do SN	Ocorrências					
	1.º ano					
	IT		s/ IT		-ão	
	N	%	N	%	N	%
Det + N EX.: [estas dialectos] [algum classificação]	13/232	5.6	0/32	0.0	3/13	23.0
Det + N + Adj EX.: [uma sistema educativa] [um caracter nervosa] [um povoação cidadina]	8/113	7.1	2/35	5.7	6/15	40.0
Det + Adj + N EX.: [sua própria idioma]	2/44	4.5	0/1	0.0	0/7	0.0
Sprep [Prep[Det+N]] EX.: [em todo cidade] [da país] [Por este razão]	18/238	7.6	4/38	10.5	1/19	5.3
Sprep[Prep[Det+N+Adj]] EX.: [duma pessoa jeitoso] [no investigação científico]	8/55	14.5	0/39	0.0	2/10	20.0
Sprep[Prep[Det+Adj+N]] EX.: [dum grande responsabilidade] [na estrangeiros países]	6/27	22.2	2/7	28.6	0/0	0.0

Podemos observar que a maioria das ausências de concordância se verifica nos SN cujos núcleos possuem um IT, corroborando o que referimos anteriormente acerca da

aquisição do género em nomes com IT. Dos exemplos apresentados, verificamos que, em alguns casos, nos SN complexos, pode ocorrer concordância com um dos elementos do SN, o que revela hesitações dos alunos relativamente ao género do nome, levando-os a optar por uma estratégia de “seleção mista” do género. Nestes casos, a aquisição não está completa.

Tabela 8 Marcas de concordância de género em função da estrutura do SN – 2.º ano

Estrutura do SN	Ocorrências					
	2.º ano					
	IT		s/ IT		-ão	
	N	%	N	%	N	%
Det + N EX.: [um sacudidela] [as hospitais] [os preocupações]	16/189	8.5	1/22	4.5	1/42	2.4
Det + N + Adj EX.: [um vida seguro] [as logares históricos] [um comoção profundo]	8/118	6.8	2/9	22.2	6/19	31.6
Det + Adj + N EX.: [uma nova período] [as grandes hospitais]	5/38	13.2	2/7	28.6	0/16	0.0
Sprep [Prep[Det+N]] EX.: [duma acidente] [na hospital] [pelo exploração]	9/222	4.1	1/38	2.6	4/26	15.4
Sprep[Prep[Det+N+Adj]] EX.: [dos produtos química]	2/65	3.1	0/7	0.0	0/12	0.0
Sprep[Prep[Det+Adj+N]]	0/32	0.0	0/4	0.0	0/3	0.0

Comparativamente ao 1.º ano, notamos uma redução do número de desvios na marcação do género, menos 21 casos (cf. Tabela 7), e a manutenção da maioria dos desvios em nomes com IT. Não há uma distinção marcante entre os SN simples e os complexos; contudo, é a estrutura [Det + N] que apresenta mais desvios, o que mostra que é realmente de uma incorrecta atribuição de género ao nome que se trata, a qual é visível no determinante. Esta é uma conclusão interessante, que não corrobora os

resultados de outros estudos disponíveis. Por exemplo, Bruhn de Gravito & White (2002) Dewaelle & Véronique (2001) advogam que a concordância do gênero entre o determinante e o nome é mais fácil do que entre o nome e o adjetivo.

Tabela 9 Marcas de concordância de gênero em função da estrutura do SN – 3.º ano

Estrutura do SN	Ocorrências					
	3.º ano					
	IT		s/ IT		-ão	
	N	%	N	%	N	%
Det + N EX.: [uma período] [o canções]	10/327	3.1	0/44	0.0	1/34	2.9
Det + N + Adj EX.: [um criança moçambicano]	4/139	2.9	0/19	0.0	0/27	0.0
Det + Adj + N	0/33	0.0	0/12	0.0	0/6	0.0
Sprep [Prep[Det+N]] EX.: [pelo posse]	6/233	2.6	0/36	0.0	0/42	0.0
Sprep[Prep[Det+N+Adj]] EX.: [pelo língua falado] [pelos associações locais]	2/125	1.6	0/26	0.0	1/18	5.6
Sprep[Prep[Det+Adj+N]] EX.: [nas grandes restaurantes]	2/24	8.3	0/6	0.0	0/2	0.0

No nível de aprendizagem a que se referem os resultados apresentados na Tabela 8, os desvios já são efetivamente menos (26/1153), notando-se uma evolução na aquisição de gênero, sobretudo se compararmos com os resultados do 1.º ano. Comparativamente às Tabelas anteriores, e observando os resultados horizontalmente, verificamos que a maioria dos desvios se mantém nos SN com núcleo apresentando IT, por oposição aos núcleos sem IT, onde a concordância foi categórica (relembre-se a nossa hipótese de que estes nomes concentram mais a atenção dos alunos, pela sua “estranheza” de não apresentarem vogal final), e que é no SN simples que os desvios ocorrem mais frequentemente.

Através da análise dos dados realizada até ao momento, é possível verificar que a aquisição da categoria de gênero é complexa. No entanto, esta dificuldade inicial vai evoluindo favoravelmente ao longo dos anos de aprendizagem (cf. Tabela 9). A variável

extra-linguística “ano de escolaridade”, que considerámos no estudo, mostra que os desvios encontrados no *corpus* caem para menos de metade do 1.º para o último ano. O que significa que os alunos vão encontrando estratégias que lhes permitem adquirir de modo mais eficaz esta categoria, rever a sua gramática do género; acedem à compreensão de que, em português, na maioria dos nomes simples, não há pistas morfológicas que permitam inferir o seu valor de género¹. A Tabela 9 mostra com clareza que a variável em causa é relevante; nela, foram contabilizados todos os contextos em que há correcta atribuição do género ao nome e aos restantes constituintes do SN de que ele é núcleo, em contraste com aqueles em que tal não acontece.

Tabela 10 Totais de atribuição de género canónico vs não canónico ao N e de concordância vs não concordância de género no SN

Ano		Género N/ Concordância	*Género N/ Não concordância	Total	
				Nº	%
1.º ano	Nº	880	67	947	31.3
	%	92.9	7.1		
2.º ano	Nº	876	46	922	30.5
	%	95	5.0		
3.º ano	Nº	1127	26	1153	38.2
	%	97.7	2.3		
Total	Nº	2883	139	3022	100
	%	95.4	4.6		

Ao aumentarem a sua competência na língua-alvo, os alunos tornam-se mais conscientes das suas regras e, em simultâneo, vão também reduzindo a interferência das línguas previamente adquiridas, separando sistemas. Como tivemos a oportunidade de demonstrar, tanto a LM como as outras duas línguas românicas (o espanhol e o francês) são fontes de transferências também ao nível da identificação do género dos nomes em português, tal como o comprovaram outros estudos em aquisição multilingue (*e.g.* Jedynek & Pytlarz, *op.cit*), mas a sua influência diminui sensivelmente com o aumento da competência em português, como esperável.

Conclusões

¹ Fora desta análise ficaram os nomes em que a marcação do valor de género está associada à derivação. Estes não foram considerados, pois o número de desvios encontrados no *corpus* é muito reduzido, não se justificando fazer uma análise isolada dos restantes dados.

O nosso estudo com alunos marroquinos, maioritariamente plurilingues, foca alguns aspectos da aquisição que não são visíveis em alunos de L2 que apenas possuem como background linguístico a sua LM. É notória a existência de interferência não só da LM como sobretudo das outras L2 na aquisição do género e da concordância de género. Também foi possível constatar que à medida que aumenta a competência na L3, a influência das outras línguas diminui e paralelamente o número de desvios também diminui, uma vez que os alunos se vão tornando, progressivamente, mais conscientes das regras. Neste caso, a interferência das outras línguas previamente adquiridas pode ser encarada como uma fase de transição para aquisição do género e da concordância de género.

Da nossa análise dos dados, foi-nos possível constatar que as características formais e semânticas podem ser insuficientes nos casos em que o género dos nomes não obedece à regra geral, como, por exemplo, os nomes de IT *-a*, que são masculinos (*o poeta, o ardina*), apesar de ser uma marca tipicamente do feminino, ou, então, os nomes terminados em *-ão* que são bifformes e que, em alguns casos, os alunos identificam o *-o* final como sendo masculino, atribuindo a estes nomes esse mesmo género. Verifica-se, pois, uma generalização, quer da forma marcada – o feminino – quer da não marcada – o masculino –, respetivamente. Os nossos dados contêm, portanto, vários exemplos que comprovam que os alunos ignoraram os aspetos formais e semânticos, resultando em desvios na seleção do género. Facto que nos leva a afirmar que eles adquirem o género isoladamente para cada entrada lexical.

De salientar ainda que os alunos apresentam menor dificuldade de concordância de género nos SN complexos do que nos simples, contrariamente ao que seria inicialmente esperado.

Bibliografia

- Ambadiang, T. (1999). La flexion nominal. Género y número. In I. Bosque e V. Demonte, Gramática descriptiva de la lengua española, Vol. 3, Madrid: Espasa Calpe, pp. 4843-4913.
- Blachère, R.; Gaudefroy-Demombynes, M. (2004). *Grammaire de l'arabe classique* (5.^a edição). Paris: Maisonneuve & Larose.
- Brandão, S. (2011). Concordância nominal em duas variedades do português: convergências e divergências. *Veredas*, 1, 164-178.

- Bruhn de Garavito, J. & White, L. (2002). L2 acquisition of Spanish DPs: the status of grammatical features. In A.T. Pérez-Leroux & J. Liceras (ed.), *The acquisition of Spanish morphosyntax: the L1/L2 connection*. Dordrecht: Kluwer, pp. 153-178.
- Carroll, S. (1989). Second language acquisition and the computational paradigm. *Language Learning*, 39 (4), 535-594.
- Comrie, B. (1999). Grammatical gender systems: a linguist's assessment. *Journal of Psycholinguistic Research*, 28 (5), 457-466.
- Corbett, G. (1991) *Gender*. Cambridge: Cambridge University Press.
- De Angelis, G. (2007), *Third Additional Language Acquisition*, Clevedon, Multilingual Matters.
- Dewaele, J.-M. & Véronique, D. (2000). Relating gender errors to morphosyntactic and lexical systems in advanced French interlanguage. *Studia Linguistica*, 54 (2), 212-224.
- Dewaele, J.-M. & Véronique, D. (2001). Gender assignment and gender agreement in advanced French interlanguage: a crosssectional study. *Bilingualism: Language and Cognition*, 4, 275-297.
- Finnemann, M. D. (1992). Learning agreement in the noun phrase: the strategies of three first-year Spanish students. *International Review of Applied Linguistics*, 30 (2), 121-136.
- Grüter, T.; Lew-Williams, C. & Fernald, A. (2011). Grammatical Gender in L2: Where is the problem?. In Nick Danis, Kate Mesh & Hyunsuk Sung (eds.), *Proceedings of the 35th annual Boston University Conference on Language Development* (pp. 246-258). Somerville, MA: Cascadilla Press.
- Hawkins, R. (1998). Explaining the difficulty of gender attribution for speakers of English. Paper presented at the EUROSLA 8 Conference, Paris, setembro 1998.
- Hualde, J. I.; Olarrea, A. & Escobar, A. M. (2002). *Introducción a la lingüística hispánica*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Huot, H. (2005). *La morphologie: Forme et sens des mots du Français*. Paris: Armand Colin.
- Jedynak, M. & Pytlarz, J. (2012). The issue of gender in multiple language acquisition. *Brno Studies in English*, 38 (1), 5-21.
- Jessner, U. (2008), "Teaching third languages: findings, trends and challenges", *Language Teaching*, 41 (1), pp. 15-56.
- Lucchesi, D. (2000). *A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ.
- Naciri, H. (2012). *O multilinguismo e os processos de aquisição de PLE na universidade marroquina*. Tese de Doutorado. Rabat: Universidade Mohammed V – Agdal.
- Payne, T. E. (2003). *Describing morphosyntax: a guide for field linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Ringbom, H. (2007), *Crosslinguistic similarity in foreign language learning*, Clevedon, Multilingual Matters.
- Rogers, M. (1987). Learners' difficulties with grammatical gender in German as a foreign language. *Applied Linguistics*, 9, 219-235.
- Sabourin, L.; Stowe, L. A. & Haan, G. J. (2006). Transfer effects in learning an L2 grammatical gender system. *Second Language Research*, 22 (1), 1-29.

- Safont Jordà, M. P. (2005), *Third language learners. Pragmatic Production and Awareness*, Clevedon, Multilingual Matters.
- Schriefers, H. & Jescheniak, J. D. (1999). Grammatical gender in speech production: A review. *Journal of Psycholinguistic Research*, 28, 575-600.
- Shelton, J. (1996). Second language acquisition of grammatical gender and agreement in French. PhD thesis, University of Essex.
- Villalva, A. (2003). Estrutura mórfica básica. In: M. H. M. Mateus, A. M. Brito, I. Duarte, I. H. Faria, S. Frota, G. Matos, F. Oliveira, M. Vigário e A. Villalva, *Gramática da Língua Portuguesa* (5.^a edição revista e aumentada), Lisboa: Caminho, pp. 919-931.
- Vilela, M. (1973). Considerações sobre o género gramatical. *Revista do Porto da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 1, Série de Filologia, 139-150.
- White, L.; Valenzuela, E.; Kozłowska-MacGregor, M. & Leung, Y.-K. (2003). Gender agreement in L2 Spanish: evidence against failed features. *McGill Working Papers in Linguistics*, 17.153-82.
- White, L.; Valenzuela, E.; Kozłowska-MacGregor, M. & Leung, Y.-K. (2004). Gender and number agreement in nonnative Spanish. *Applied Psycholinguistics*, 25, 105-133.